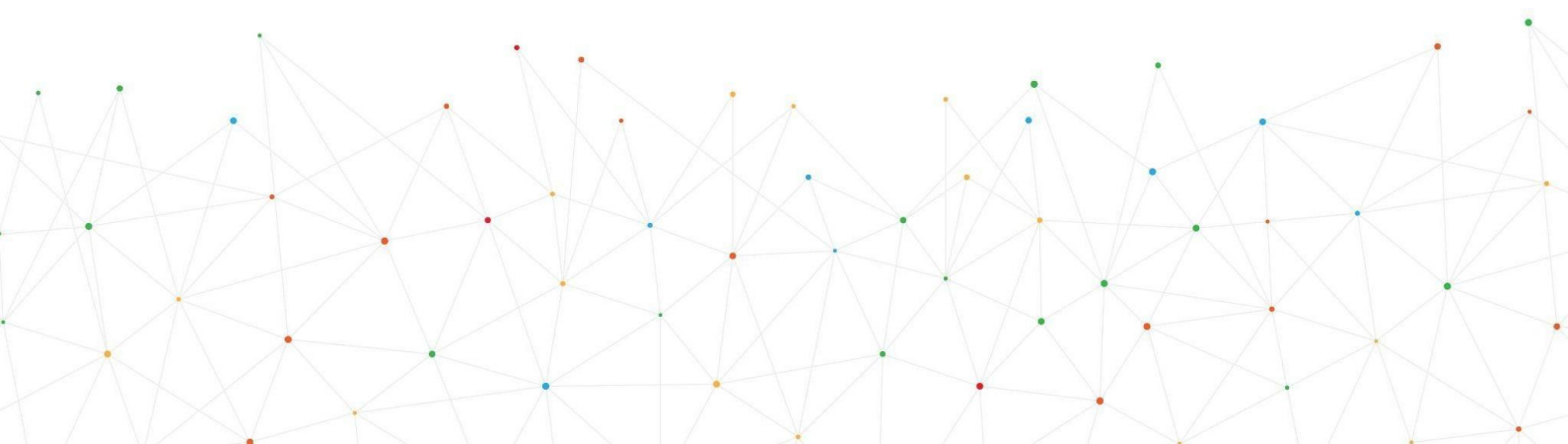




UM OLHAR CRÍTICO REFLEXIVO SOBRE AS RELAÇÕES PSICOSSOCIAIS DOS ESTUDANTES DA EPT CONSTITUÍDAS EM MEIO ÀS TECNOLOGIAS DIGITAIS

AOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

Antenor Sandi Junior
Salette Valer





Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional
(ProfEPT).

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologias de Santa Catarina - IFSC -
Campus Florianópolis Av. Mauro Ramos, 950, Centro, CEP: 88020-300, Florianópolis - SC.

Telefone: (48) 3211-6000

CNPJ 11.402.887/002-41

[HTTP://www.ifsc.edu.br/profept](http://www.ifsc.edu.br/profept)

UM OLHAR CRÍTICO REFLEXIVO SOBRE AS RELAÇÕES PSICOSSOCIAIS DOS ESTUDANTES DA EPT CONSTITUÍDAS EM MEIO ÀS TECNOLOGIAS DIGITAIS

VENDA PROIBIDA!

**Este material pode ser utilizado livremente para fins educacionais.
Não é permitida a reprodução para fins comerciais.**

Autores
Antenor Sandi Junior
Salete Valer

Revisão:
Antenor Sandi Junior
Salete Valer

Revisão Técnica:
Salete Valer

Projeto Gráfico e diagramação:
Fernanda Zmieski

Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede
Nacional (ProfEPT).

UM OLHAR CRÍTICO REFLEXIVO SOBRE AS RELAÇÕES PSICOSSOCIAIS DOS ESTUDANTES DA EPT CONSTITUÍDAS EM MEIO ÀS TECNOLOGIAS DIGITAIS



Florianópolis -SC, 2023.

FICHA TÉCNICA

A presente cartilha digital intitulado *Um olhar crítico reflexivo sobre as relações psicossociais dos estudantes da EPT constituídas em meio às tecnologias digitais*, trata-se de um produto educacional resultante da pesquisa de mestrado denominada *Percepções acerca das relações psicossociais dos estudantes da EPT constituídas em meio às tecnologias digitais* do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional – Profeta, oferecido pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, IFSC, no campus Florianópolis.

Produção e organização: Antenor Sandi Junior e Salete Valer.

Banca de validação da cartilha parte da Dissertação de Mestrado:

Prof.^a Salete Valer, Dr.^a, Prof.^a Roberta Pasqualli, Dr.^a, Prof.^a Ivanir Ribeiro, Dr.^a, Prof.^a Raquel Folmer Corrêa, Dr.^a, em 24 de outubro de 2023.

Cartilha digital *Um olhar crítico reflexivo sobre as relações psicossociais dos estudantes da EPT constituídas em meio às tecnologias digitais*. Sandi, Antenor; Valer, Salete. - 1. Ed.- Florianópolis: Publicação do IFSC, 2023. Texto Eletrônico.

39p.

Inclui bibliografia.

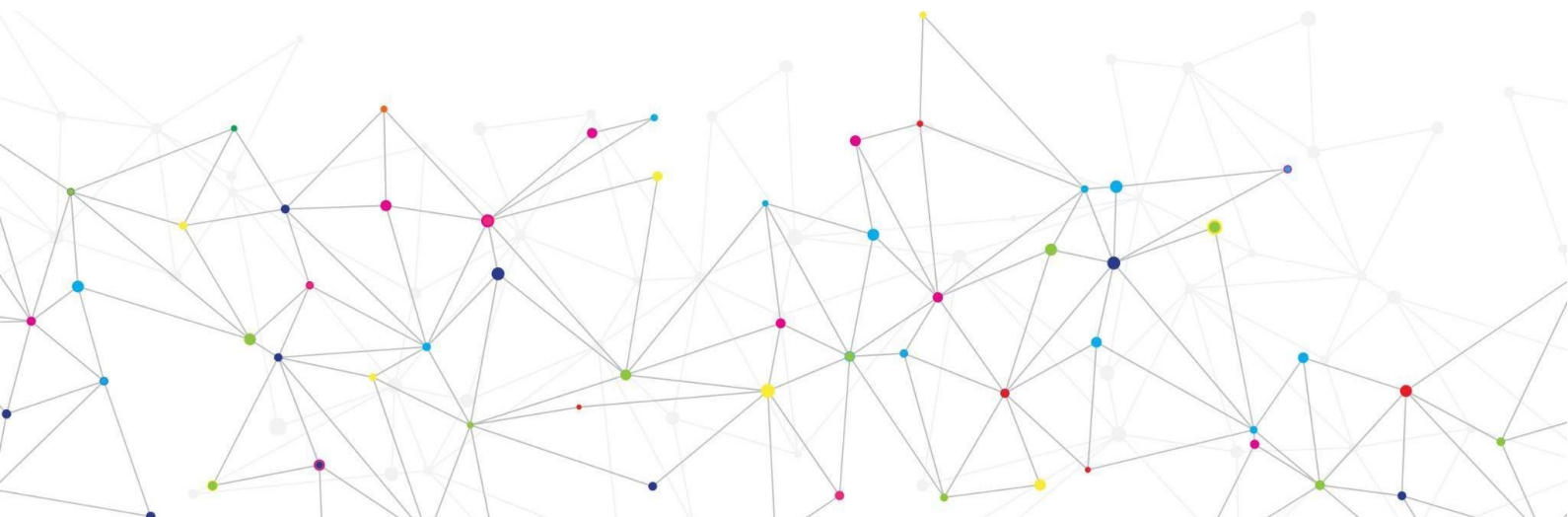
ISBN: 978-65-88663-79-0

1. Produto Educacional ProfEPT. 2. Cartilha eletrônica. 3. Tecnologias digitais. 4. Teoria Crítica; I Sandi, Antenor; Valer, Salete. II Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina - IFSC.

RESUMO

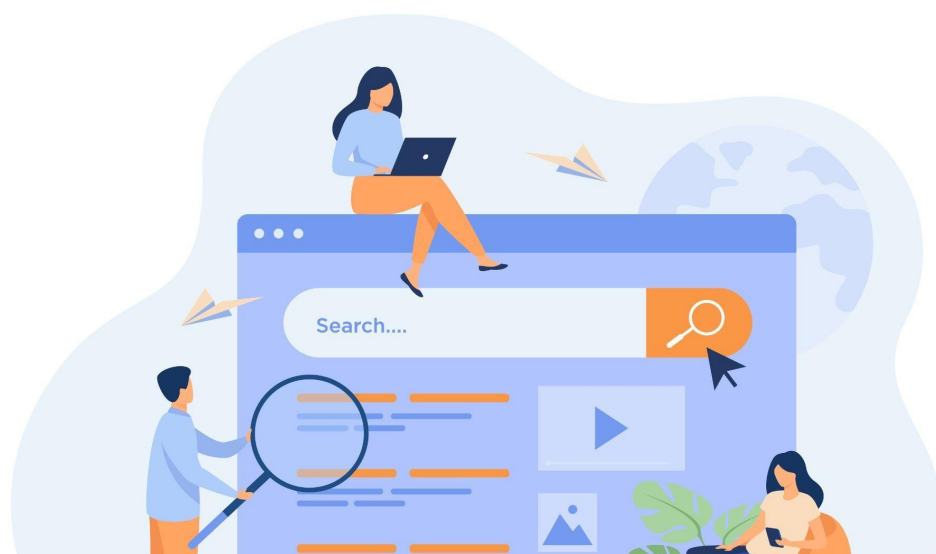
Na atualidade, as tecnologias digitais têm reverberado cada vez mais nas experiências humanas, influenciando as práticas sociais nas mais diferentes esferas. Inserido nesse panorama, esta cartilha digital, *Um olhar crítico reflexivo sobre as relações psicossociais dos estudantes da EPT constituídas em meio às tecnologias digitais*, é um produto gerado como parte da dissertação intitulada *Percepções acerca das relações psicossociais constituídas em meio às tecnologias digitais: um estudo de caso no ensino médio integrado do Instituto Federal de Educação de Santa Catarina, Campus IFSC-Xanxerê*, do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT). A pesquisa de cunho qualitativo, tendo como modalidade principal o estudo de caso fez uso dos instrumentos questionário e entrevista para a organização dos dados. Os resultados da pesquisa apontaram que a inclusão pelos docentes de muitas formas de uso das tecnologias digitais favorece o aprendizado ao mesmo tempo em que implica em um uso didático-pedagógico realizado pelos estudantes. Percebe-se que esse uso direcionado e contextualizado contribui para um uso das tecnologias com uma intencionalidade de reflexão e domínio de elementos tecnológicos que envolvem a produção de conhecimentos e aquisição de novos saberes. Porém, os dados revelam que os docentes, de modo geral, discutem superficialmente sobre os riscos e cuidados no uso das tecnologias, apenas conversam sobre o uso do aparelho celular em sala e para que os estudantes tenham cuidado e moderação na sua utilização nesses espaços. Com base nesses resultados esta cartilha tem por objetivo apresentar aos profissionais da educação, sugestões de materiais e discussões teóricas que possam contribuir com as práticas pedagógicas no sentido da conscientização dos estudantes acerca das contradições que envolvem o uso das tecnologias. Entende-se que, dentro da atual sociedade organizada pelo capitalismo das plataformas que organiza a vida e a forma de trabalho, a educação de estudantes-trabalhadores, como processo inclusivo, deve ser mediada por artefatos tecnológicos digitais, mas que essa prática seja também problematizadora. Em uma perspectiva crítica e reflexiva, deve promover o debate necessário sobre o fenômeno das tecnologias digitais e as implicações para as suas relações psicossociais, não só como estudantes, mas também familiar e profissional. Nessa compreensão, pretende-se que este produto educacional contribui, especialmente, com os profissionais da educação no sentido de as práticas pedagógicas incorporarem discussões sobre as tecnologias digitais, buscando desvelar de forma crítica e reflexiva os valores intrínsecos que perpassam esses artefatos tecnológicos que modulam a forma de ser e existir e, com a conscientização das contradições históricas, sejam pensadas possibilidades de intervenções e caminhos menos nocivos às relações psicossociais dos diferentes grupos sociais.

Palavras-chaves: ProfEPT. Ensino Médio Integrado. Relações psicossociais. Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).



Sumário

Apresentação	7
1. Tecnologias digitais na contemporaneidade: como constituem as relações psicossociais?	10
2. Teoria crítica da tecnologia - Por que a escolarização precisa assumir?	18
3. Formação integral: Por que o trabalhador precisa ter?	27
4. Ensino médio integrado à EPT: Por que discutir relações psicossociais	32
Para finalizar	34
Referências	35



Prezado (a) profissional da educação

A presente cartilha digital intitulada **Um olhar crítico reflexivo sobre as relações psicossociais dos estudantes da EPT constituídas em meio às tecnologias digitais** trata de um produto educacional resultante da pesquisa de mestrado denominada *Percepções acerca das relações psicossociais constituídas em meio às tecnologias digitais: um estudo de caso no ensino médio integrado do Instituto Federal de Educação de Santa Catarina, Campus IFSC-Xanxerê*, do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional – ProfEPT nos anos de 2021-2023.

A pesquisa teve como objeto investigar as relações psicossociais centradas nos estudantes, impactadas pelo uso das tecnologias digitais. A problemática da pesquisa está relacionada ao fato de este pesquisador vivenciar em sua prática profissional como psicólogo na educação básica constantes queixas de familiares ou responsáveis por estudantes sobre o uso frequente e por longos períodos em que os estudantes fazem das tecnologias digitais, seja via aparelho de smartphone ou outros artefatos tecnológicos. De igual forma, os docentes revelam suas angústias em relação à necessidade de inclusão de práticas pedagógicas mediadas por tecnologias, ao mesmo tempo que se sentem inseguros para elaborar atividades que possam conquistar e manter a atenção dos estudantes. Há casos em que alunos adormecem nas aulas por passarem a madrugada jogando virtualmente ou assistindo seriados. Por outro lado, há também as queixas dos discentes sobre aulas monótonas e que não veem sentido nos conteúdos ensinados pelos professores e que não dialogam com seu cotidiano e interesses.

Partindo dessa problemática, o objetivo geral da pesquisa foi o de investigar a percepção de um grupo de estudantes do ensino médio integrado, seus responsáveis e seus docentes da EPT acerca das relações psicossociais constituídas em meio às Tecnologias digitais.

Os resultados sistematizados por questionário e entrevistas, de modo geral, indicam que:

a) as tecnologias digitais estão sendo utilizadas pelos docentes em sala de aula para fins pedagógicos de modo direcionado e contextualizado, por isso contribui para que os estudantes passem a dominar aspectos tecnológicos que envolvem a produção de conhecimentos e aquisição de novos saberes; b) as tecnologias digitais nas aulas, quando não mediadas e contextualizadas para uma finalidade pedagógica específica, são utilizadas pelos estudantes para uso recreativo e superficial, relacionado a comunicação por mensagem, redes sociais,



jogos e entretenimento; c) os estudantes realizam um amplo uso das tecnologias digitais e por longos períodos, chegando a interferir nas suas relações interpessoais, sendo que preferem interações virtuais do que presenciais, fato este que vem causando distanciamento e conflitos familiares; d) os responsáveis pelos estudantes nada ou pouco acompanham do uso que realizam das tecnologias digitais; e) na instituição de ensino, os riscos e cuidados com o uso das tecnologias são abordadas de forma superficial e por poucos docentes, sendo que essas orientações são restritas ao uso do aparelho celular em sala quando utilizado para as atividades pedagógicas.

Apontamos que os diferentes usos das tecnologias digitais no processo de ensino contribuem para a aprendizagem, porém se faz necessário avançar no sentido de incorporar discussões teóricas que possam gerar nos estudantes reflexões sobre os impactos psicossociais gerados pela forma como fazem uso das tecnologias digitais. A proposta de uma formação integral perpassa por uma formação que vá além do utilitarismo das tecnologias e que sejam discutidas as contradições inerentes a forma como o próprio sistema capitalista por meio das tecnologias organiza a sociedade e controla os meios de produção e os modelos de trabalho historicamente constituídos. Dentro desse contexto, pensamos na criação deste produto educacional com o objetivo de apresentar a todos os atores envolvidos na educação alguns resultados encontrados durante o desenvolvimento da pesquisa e indicar conteúdos que possam contribuir para elucidar a problemática em discussão.

Para tanto, selecionou-se dentro da categoria material textual, conforme o Documento de área-Ensino (BRASIL, CAPES, 2016, p. 15), tipologia cartilha na versão eletrônica para sistematizar alguns conceitos que tratam das tecnologias digitais que dialogam com uma formação integral e que podem estar inseridas nas discussões sobre a realização de um ensino que seja crítico e reflexivo, compreendendo as tecnologias digitais como artefatos culturais de nossa época e que implicam na formação dos sujeitos.

O produto educacional foi desenvolvido com base nas reflexões dos autores Paula Sibília, Andrew Feenberg e nos conceitos base que fundamentam a Educação Profissional e Tecnológica (EPT).



A autora Paula Sibília contribui para a compreensão de como as tecnologias digitais estruturam as relações psicossociais dos estudantes, ou seja, como nos compatibilizados com as tecnologias e, principalmente, com os modos de vida que elas propõem e inevitavelmente nós as incorporamos ao nosso cotidiano, influenciando na constituição da nossa subjetividade e identidade. A autora apresenta características que as tecnologias digitais trouxeram, como os conceitos de extimidade, visibilidade e conectividade.

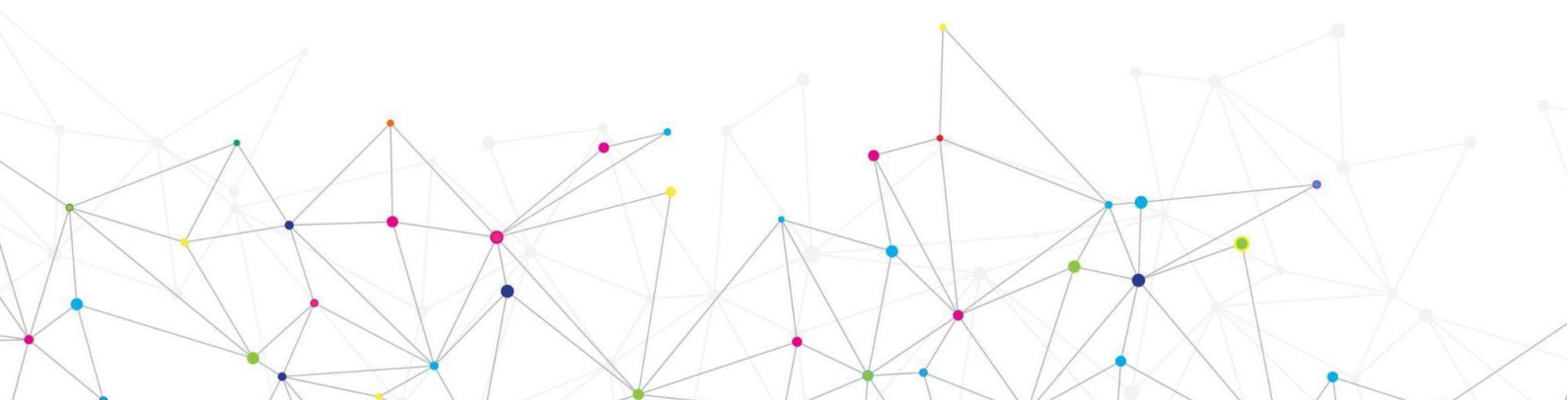
O autor e filósofo Andrew Feenberg busca compreender a tecnologia como um artefato cultural que sofre influências políticas, históricas e culturais, apresentando sua concepção de tecnologia a partir de quatro visões: determinismo, instrumentalismo, substantivismo e teoria crítica. Sendo que essas visões se articulam em dois eixos em que a tecnologia pode ser considerada neutra ou carregada de valores, e em outro eixo pode ser considerada controlada pelos homens ou autônoma.

Com base em Frigotto (2012), Ramos (2010) e Ciavatta (2005) são tratados os fundamentos e princípios da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) como a dualidade educacional, trabalho ontológico e histórico, ciência, tecnologia e cultura, formação integral etc. As políticas públicas da EPT aparecem pelo Parecer n.º 5 de 4 de maio de 2011 do Conselho Nacional de Educação (BRASIL, Par. 5, CNE, 2011) que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio e o Parecer n.º 11 de 9 de maio de 2012 do mesmo Conselho que dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Profissional Técnica de Nível Médio (BRASIL, Par. 11, CNE, 2012).

A perspectiva de formação politécnica e omnilateral em Saviani (2003), Ciavatta (2009) e Pinto (2005). E sobre o Ensino médio integrado, Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005), e Documento Base da Educação profissional Técnica de Nível Médio integrado ao Ensino Médio (2007).

Esperamos que esta cartilha traga novos conhecimentos e possibilidades para elaboração de ações que possam contribuir para minimizar a realidade discutida nesta pesquisa.

Boa leitura e reflexões!



1. Tecnologias digitais na contemporaneidade: como constituem as relações psicossociais?



Passamos agora a apresentar as reflexões da autora argentina Paula Sibilia, buscando compreender **como as tecnologias estruturam as relações psicossociais e implicam na nossa forma de conviver em sociedade**. Ao retratar esse panorama, buscamos ter uma maior clareza sobre como somos sugestionados e estimulados pelas tecnologias digitais em nosso cotidiano e passarmos a tomar decisões mais conscientes em relação a elas e, assim, construir uma visão crítica e reflexiva com os estudantes adolescentes.

A autora Paula Sibilia lança um olhar sobre o uso das tecnologias como ferramentas de época, em uma perspectiva sócio-histórica, e como esses artefatos tecnológicos supõem, propõem e estimulam certos modos de ser e de viver, carregando implicitamente em si um conjunto de valores e ideologias, resultando em formas de se relacionar consigo e com o mundo que acabam moldando as subjetividades dos sujeitos e principalmente da juventude.

Tornamo-nos compatíveis com certas tecnologias, com os artefatos culturais próprios de nossa época. Ao mesmo tempo, nos tornamos compatíveis com os modos de vida que esses artefatos supõem, propõem e estimulam. Certos modos de ser e de viver estão implícitos nesses aparelhos. Estão supostos, propostos e estimulados por esses aparelhos. Ou seja, as tecnologias não são neutras, como se costuma dizer, uma ferramenta não pode ser utilizada para qualquer coisa. As tecnologias não são neutras e isso não significa que sejam boas ou ruins, elas são históricas, carregam valores, crenças. (SIBILIA, 2018).

Para a autora, os corpos e as subjetividades não são fixos e estáveis, não são universais, eles mudam e se adaptam às diferentes culturas e ocorre que nos tornamos compatíveis com os artefatos tecnológicos de cada época histórica e por consequência nos tornamos compatíveis com os modos de vida propostos por elas. **Não de uma forma obrigatória, não é algo instituído em lei, mas paulatinamente somos envolvidos e sem um debate crítico e reflexivo, incorporamos um contingente de hábitos e costumes e os naturalizamos e sem nos darmos conta das implicações resultantes em nossa tomada de decisões.**

Para compreendermos melhor essa relação a qual a autora faz menção, sobre a incorporação de artefatos tecnológicos e a influência nos modos de ser e de viver, ela

exemplifica como as tecnologias modernas como o lápis, caneta, papel e as cartas podem ser comparadas com as tecnologias contemporâneas como as mensagens de texto do aplicativo do WhatsApp, uma vez que são formas de se relacionar com o outro:

Mas o tipo de relacionamento que está implícito, suposto, proposto e estimulado em uma tecnologia como a carta é muito diferente do tipo de relacionamento com o outro que está suposto, proposto e estimulado pelo WhatsApp. E o uso do tempo e do espaço de um e do outro são muito diferentes. E poderíamos efetuar essa comparação, considerando várias dessas tecnologias. (SIBILIA, 2018).

Com a tecnologia utilizada para se relacionar com outra pessoa, conforme o exemplo citado pela autora, o envio de uma carta e a troca de mensagens utilizando um aparelho smartphone e o aplicativo de WhatsApp, carrega em si uma interferência direta na constituição da subjetividade e nos modos de viver dos sujeitos. Enquanto a produção de uma carta requer a habilidade da escrita, a dedicação em escrevê-la, endereçar, enviar para o destinatário, aguardar o tempo de transporte para assim que ela alcance o seu objetivo, sem a possibilidade de confirmação de seu recebimento, ao menos não de forma imediata. Enquanto isso, a troca de mensagens pelo WhatsApp, se faz instantânea e requer a posse de um aparelho que esteja conectado à rede de internet. Atualmente, mantemos contato com um número maior de pessoas ao mesmo tempo, sem a barreira da distância.

Poderia ser possível exemplificar comparações entre muitas tecnologias de época que demarcaram as transformações das tecnologias analógicas com as digitais, porém fica evidente a reflexão posta pela autora sobre como nos compatibilizamos com as tecnologias de cada época e, principalmente, com os modos de vida que elas propõem e inevitavelmente nós as incorporamos ao nosso cotidiano, influenciando na constituição da nossa subjetividade e identidade.

Uma das implicações psicossociais geradas pelo uso intensivo das tecnologias digitais e que influenciam na nossa maneira de viver diz respeito às inúmeras possibilidades de distração que o aparelhos de smartphone nos apresentam, seja para nos comunicarmos instantaneamente com um maior número de pessoas ou aplicativos de lazer e entretenimento e isso influencia na nossa capacidade de mantermos o foco. Tal aspecto é discutido no seriado **Explicando a mente** - episódio Foco onde aborda vários aspectos, dentre eles o por que focamos naquilo que focamos? Estamos fazendo boas escolhas quanto às nossas prioridades de atenção?





Sugerimos o vídeo a ser abordado e discutido com os estudantes -

Seriado **Explicando a mente** - episódio Foco: **Explicando**

- A Mente | Site oficial da Netflix.

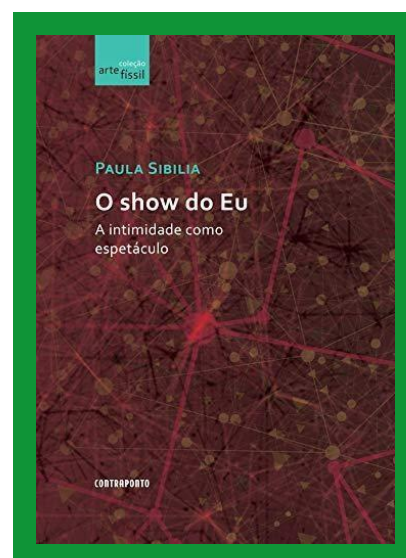
Outro aspecto que a autora chama a atenção para a profunda transformação que as tecnologias provocaram nas relações psicossociais, principalmente dos estudantes adolescentes, diz respeito ao fenômeno “extimidade”. Esse termo cunhado pela autora busca dar visibilidade sobre a intimidade e exterioridade, sendo que na sua compreensão, a união desses dois conceitos gera a extimidade, que seria “uma entidade para cuja configuração foi necessário deslocar o eixo das subjetividades: do magma causal da interioridade psicológica para a capacidade de produzir efeitos no olhar alheio.” (SIBILIA, 2016, p.163). A extimidade é então relacionada ao incessante comportamento de expor a intimidade nas redes sociais, incorporando tal aspecto no cotidiano, buscando a confirmação e aceitação do olhar alheio a partir da espetacularização do espaço íntimo.

[...] espetacularizar o eu consiste precisamente nisso: transformar as nossas personalidades e vidas (já nem tão) privadas em realidades ficcionalizadas com recursos midiáticos. É isso que se procura fazer ao performar a própria extimidade nas telas cada vez mais onipresentes e interconectadas (SIBILIA, 2016, p. 249).

Essa mudança da noção da intimidade para a performance da exposição do cotidiano tem estimulado modos inéditos de ser e estar no mundo, justamente por serem modos contemporâneos de se relacionar consigo, com os outros e com o mundo, e “os jovens abraçam essas novidades e se envolvem com elas de maneira mais visceral e naturalizada.” (SIBILIA, 2012, p.51).

A autora ainda afirma que as formas tradicionais de construção de si, como a escrita do diário, as trocas de cartas, a leitura constante de romances, amadureciam uma forma de identidade que preservava o eu-íntimo. Essas foram substituídas paulatinamente por tecnologias digitais de comunicação em rede, selfies em instagram, vídeos em youtube, posts em facebook etc, resultando na ressignificação das subjetividades. Essa exposição constante leva os adolescentes a estarem conectados por longos períodos e estarem interagindo sistematicamente com o universo de estímulos que os aplicativos, mídias sociais, entre tantos recursos existentes para interação e captação da percepção dos adolescentes como se não fosse possível viver o tempo de ócio.

Para um aprofundamento sobre essa questão, sugerimos o livro *O show do Eu*, em que a autora Paula Sibilia discorre sobre os aspectos sócio históricos que culminaram no incessante comportamento de mostrar a intimidade nas redes sociais e, também, consumir a intimidade alheia. Comportamento esse que requer um profundo debate com os estudantes adolescentes uma vez que eles são influenciados em grande medida a fazerem parte desse universo de exposição para serem incluídos e se sentirem pertencentes entre seus pares. Contudo, as implicações sócio-emocionais, afetivas envolvidas nesses comportamentos podem afetar a saúde mental dos estudantes, uma vez que a comparação constante com os modos de vida perfeitos que são exteriorizados nas redes sociais, mediante um ideal de corpo perfeito ou estilos de vida ficcionados, não apresentam respaldo na realidade concreta.



Outras duas características marcantes da contemporaneidade que Sibilia (2018) sinaliza e estão relacionadas a extimidade, são a Visibilidade e a Conectividade:

Aprendemos a viver desse modo, visíveis e conectados. Vivemos performando, aprendemos a performar na visibilidade. Nossa vida cotidiana, cada vez mais os âmbitos da nossa vida se pretende que sejam expostos. Há um ideal de transparência e visibilidade. Não é lei, não é obrigatório, no entanto nós aprendemos, há um estímulo de viver assim, uma generalização e uma aceitação de viver assim. Alguns com mais entusiasmo e outros mais resistentes, mas isso está se generalizando. E não apenas entre os mais novos. (SIBILIA, 2018).

Como pode se observar, adotamos e incorporamos as tecnologias digitais e poderíamos dizer que atualmente somos reféns dela. Manter-se conectado ao dispositivo do aparelho smartphone ligado a rede de internet se tornou algo usual, nele procura-se informações, lazer, entretenimento,

apoio aos estudos e como uma ferramenta de trabalho. Nesse processo, percebe-se que os jovens possuem o celular como uma extensão da própria vida para manterem-se a maior parte do tempo conectados e buscam performar seu cotidiano nas redes sociais, e esse fenômeno vem aumentando o grau de visibilidade e conectividade.

As redes sociais por exemplo são um fenômeno muito recente, assim como os celulares inteligentes, tem pouco mais de uma década e a sua generalização é mais recente ainda. É um fenômeno do século XXI, bem recente. E está se consumando e se cristalizando. Não é por acaso que as redes sociais fazem parte desse fenômeno, elas são vitrines nas quais se facilita essa forma de viver, de estar em contato com os outros, com muitos outros o tempo todo e na visibilidade. Com telas, exposição. Mostrando aos outros e monitorando também o que os outros fazem. (SIBILIA, 2018).

Essas transformações sociais históricas vivenciadas mais acentuadamente na virada do século XX e intensificadas nas últimas décadas precisam ser compreendidas à luz de uma percepção crítica e reflexiva. Isso para se buscar compreender os sistemas de valores atrelados à proposta de desenvolvimento tecnológico que inevitavelmente existem em cada artefato tecnológico, uma vez que se parte da noção da não neutralidade de valores.



Como forma de problematização com os estudantes e dar visibilidade para as formas de controle implícitas nas tecnologias digitais mediante as plataformas digitais, sugerimos o documentário **O dilema das redes**, o qual apresenta o discurso de ex-funcionários de empresas como o Twitter, Google e Facebook que discorrem sobre os perigos causados pelas redes sociais, os quais expõem o controle que essas plataformas exercem no cotidiano das pessoas, influenciando na forma como pensamos, agimos e vivemos. O documentário chama a atenção para o aspecto da gratuidade dos aplicativos de redes sociais, onde o ex-funcionário do Google Tristan Harris menciona “se você não está pagando pelo produto, então você é o produto”.

Sendo, assim, uma possibilidade de abordar com os estudantes os aspectos ideológicos e intrínsecos existentes no universo que eles pertencem, mas acabam utilizando, muitas vezes, de forma acrítica - [O Dilema das Redes | Site oficial da Netflix.](#)

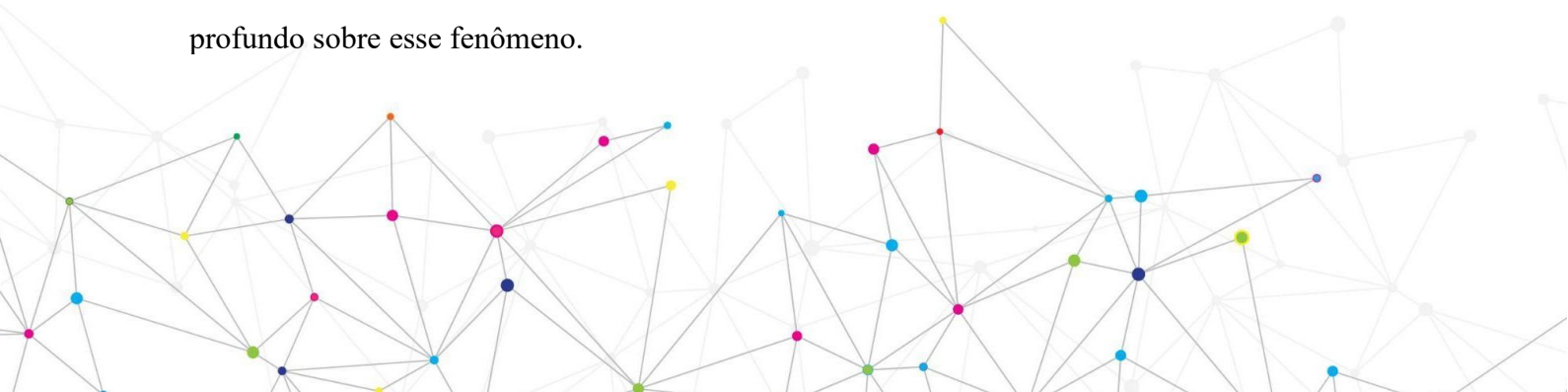


Sibilia dialoga com o filósofo Gilles Deleuze em seu texto enfatizando que:

Já faz quase três décadas que esse filósofo francês [Gilles Deleuze] descreveu um regime apoiado nas tecnologias eletrônicas e digitais: uma organização social capaz de fertilizar o capitalismo mais ágil e voraz da atualidade, que se caracteriza pela superprodução e pelo consumo exacerbado, no qual vigoram os serviços e os fluxos de finanças globais. Um sistema articulado pelo marketing e pela publicidade, mas também pela criatividade alegremente excitada e muitas vezes recompensada em termos monetários, no qual o espírito empresarial insufla todas as instituições e atravessa tanto os corpos como as subjetividades. (SIBILIA, 2016, p.28).

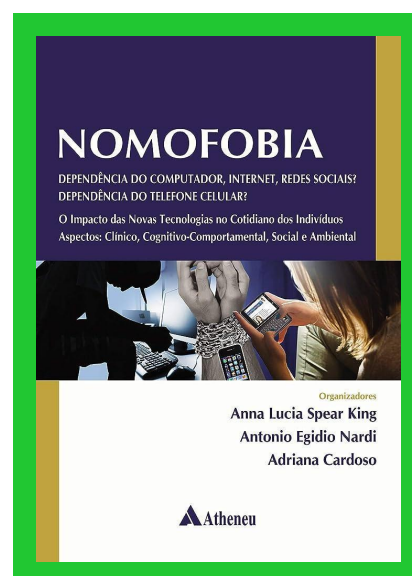
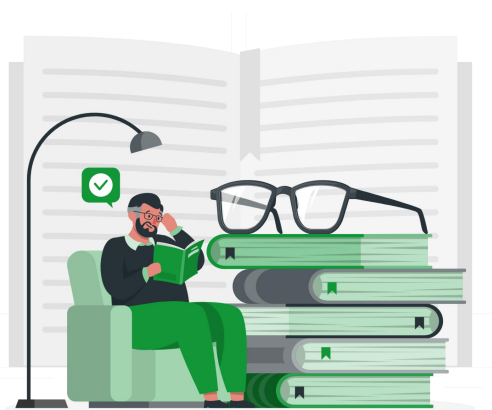
Desse excerto, extraímos que a espetacularização da intimidade, não seria um processo natural ao qual a sociedade caminha e percorre livremente e isenta de interesses. A autora chama a atenção para esses comportamentos que são potencializados pelas tecnologias eletrônicas e digitais como forma de fomentar e ressignificar a forma do capitalismo se perpetuar como sistema de modo de produção dominante. Ao gestar uma sociedade baseada nas aparências, transmutando uma subjetividade que busca confirmação do olhar do outro pelas postagens de vídeos e fotos nas redes sociais, transforma-se a exposição do sujeito em mercadoria. A conectividade constante e a apelação da visibilidade que as mídias sociais potencializam pela sua capilaridade preocupam, pois a sua capacidade de oferecer produtos aqueles que dela fazem parte, impulsiona toda uma sociedade baseada no consumo desenfreado.

A autora chama a atenção para a relação que vem sendo construída pelos sujeitos com as tecnologias digitais, as quais incorrem em profundas ressignificações na forma como lidam com o tempo e espaço, sendo que o incessante comportamento na contemporaneidade de mostrar a intimidade nas redes sociais gera condutas de espetacularização do espaço íntimo. A busca desenfreada de aparentar ser feliz nas redes sociais, fenômeno crescente nas últimas décadas e ainda em curso, carece de uma maior compreensão que leve a uma tomada de consciência crítica dos elementos subjacentes que o compõem para realizarmos um debate profundo sobre esse fenômeno.



Os estudantes adolescentes exploram esse universo de forma autônoma, porém, por detrás de todas as tecnologias digitais há algoritmos que captam a percepção dos usuários para fins meramente de consumo de produtos e recreação superficial, distanciando-os das grandes problemáticas sociais ou até mesmo da apropriação das tecnologias para sua utilização crítica. Nesse sentido, há que se pensar em qual medida as tecnologias contribuem ou interferem na formação humana integral dos estudantes adolescentes e nas contribuições que elas fornecem como artefatos tecnológicos que mediam a relação com seu entorno e sociedade? E também, de qual forma eles percebem a influência do uso das tecnologias digitais nas suas relações psicossociais em seu cotidiano?

Sugerimos, também, o livro Nomofobia que trata das implicações das tecnologias digitais no nosso cotidiano e como estão interferindo no comportamento humano. Livro produzido pelo Grupo DELETE - Desintoxicação de Tecnologi@s do Instituto de Psiquiatria (IPUB), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Nomofobia é o medo irracional de ficar sem o aparelho celular ou ser impedido de usá-lo.



Sugestão de palestra realizada pela autora argentina Paula Sibília Entre Redes e Paredes apresenta um panorama sócio-histórico na forma como as tecnologias digitais foram sendo incorporadas em nosso cotidiano a ponto de nos tornarmos reféns delas e auxilia a pensar o papel da escola diante desse fenômeno moderno.

 Palestra "Entre redes e paredes" com Paula Sibília

Sugestão de leitura, redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão. Para que serve a escola? Será que essa instituição se tornou obsoleta? Essas duas perguntas inquietantes são o ponto de partida para esta reflexão ensaística, extremamente atual, sobre a "crise da escola". A ênfase recai sobre a maneira como as novas tecnologias de comunicação, sobretudo os aparelhos móveis de acesso às redes informáticas e os estilos de vida que eles implicam, estão afetando o funcionamento dessa instituição-chave da modernidade. De que maneira as subjetividades e os corpos contemporâneos reagem ao contato cotidiano com esses dispositivos, e como isso influencia sua relação com a escola?



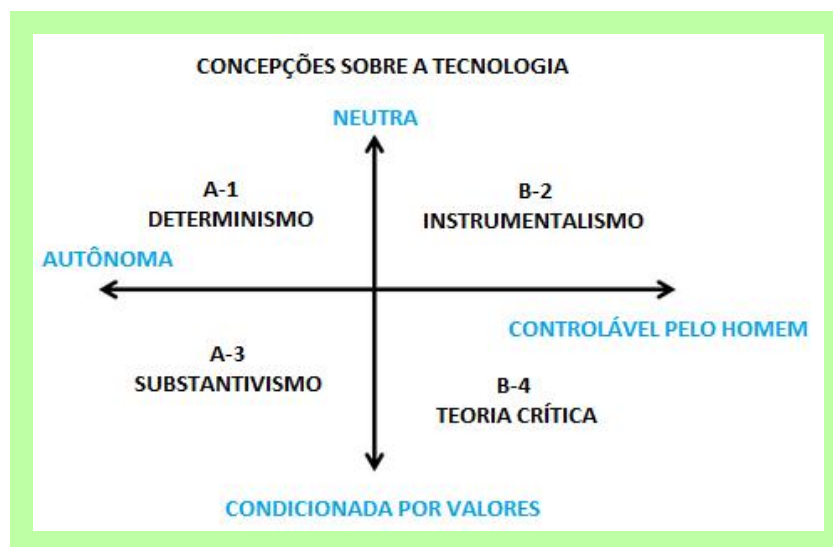
2. Teoria crítica da tecnologia - Por que a escolarização precisa assumir?

Dando continuidade a apresentação dos teóricos que buscam compreender a tecnologia em uma perspectiva crítico reflexiva, trazemos as ideias do filósofo canadense Andrew Feenberg que defende que a tecnologia não é uma ferramenta neutra, ou seja, carrega em si um conjunto de valores e compreende que o desenvolvimento da tecnologia é passível de ser controlada pelos homens. A proposta em trazer este autor diz respeito a um aprofundamento na compreensão dos embates ideológicos existentes nas concepções sobre a tecnologia e, assim, contribuir para desvelar os valores intrínsecos nos artefatos tecnológicos. Sabemos ser um conteúdo mais complexo e teórico, contudo se faz necessário para que consigamos problematizar e construir com os estudantes adolescentes as relações existentes entre eles e as tecnologias digitais.

Feenberg considera que há uma relação de indissociabilidade existente entre as tecnologias e suas implicações na sociedade, e há de se pensar nas concepções existentes sobre o termo tecnologia. Para auxiliar na organização dessas concepções sobre o termo e passar a analisar e compreender os campos em disputa de cada uma delas, busca-se nas ideias de Feenberg uma proposta de compreensão da tecnologia a partir das discussões da Filosofia da Tecnologia. Para este autor e filósofo, a tecnologia é percebida como um artefato cultural que sofre influências políticas, históricas e culturais. O autor apresenta sua concepção de tecnologia a partir de quatro visões: determinismo, instrumentalismo, substantivismo e teoria crítica.



No quadro (1), apresenta-se a organização proposta por Andrew Feenberg em relação às perspectivas de compreensão sobre a tecnologia a partir da filosofia da tecnologia.

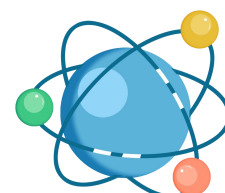


Fonte: Desenvolvido pelos autores com base em FEENBERG, 2010, p.57

Como pode ser observado no quadro acima, a tecnologia está posta ao longo de dois eixos (A e B) que focalizam valores e poderes humanos, ou seja, elas traduzem a relação do controle e do exercício do poder sobre o desenvolvimento tecnológico e à possibilidade de a tecnologia possuir ou não valores incorporados ao seu processo de desenvolvimento.

Observando o quadro, nos quadrantes (1) e (2) surgem duas possibilidades que abarcam as teorias que compreendem o desenvolvimento da tecnologia como neutra estão a visão determinista e instrumentalista, nelas ignora-se a presença de valores, ou seja, são consideradas autônomas ou humanamente controladas. Compreender que a tecnologia é autônoma não significa descartar os homens de seu processo, os sujeitos farão parte, porém não teriam a liberdade de definir como ela seria desenvolvida, considera que “a invenção e o desenvolvimento da tecnologia têm suas próprias leis imanentes, às quais os seres humanos simplesmente seguem ao interagirem nesse domínio técnico”. (FEENBERG, 2010, p. 58). Por outro lado, a noção de tecnologia ser controlável, segue a perspectiva de que os homens podem determinar o próximo passo de evolução de acordo com suas intenções.

Ao observar as intersecções dos eixos do quadro apresentado acima, tem-se no quadrante (2), o **instrumentalismo** em que o controle humano e a neutralidade de valor se entrelaçam. Nesse quadrante “é a visão-padrão moderna, segundo a qual a tecnologia é simplesmente uma ferramenta ou instrumento com que a espécie humana satisfaz suas



necessidades. (FEENBERG, 2010, p.58). Ou seja, o homem tem total controle sobre a tecnologia e a desenvolve para servir as necessidades de seus usuários.

Nessa perspectiva, a tecnologia, segundo Oliveira (2011), nada mais é do que um instrumento, um artefato, algo materializado nas mãos do homem. Essa seria a visão clássica do pensamento moderno ocidental, fé liberal no progresso, em que os meios e os fins são absolutamente independentes entre si. Essa concepção dos meios e fins independentes entre si pode ser melhor compreendida no exemplo dado por Feenberg ao citar a afirmação "armas não

matam as pessoas, senão, as pessoas é que matam pessoas". (FEENBERG, 2010, p.56).

Nessa afirmação fica clara a aceção de neutralidade do artefato, como se a tecnologia fosse isenta de valores ou ainda como se o objeto em si fosse independente dos fins daquele que a possui, não se percebe na arma nenhuma tendência de afirmação de valores como poder, a violência, machismo etc. Destituindo, portanto, do artefato tecnológico a sua dimensão política e que nela

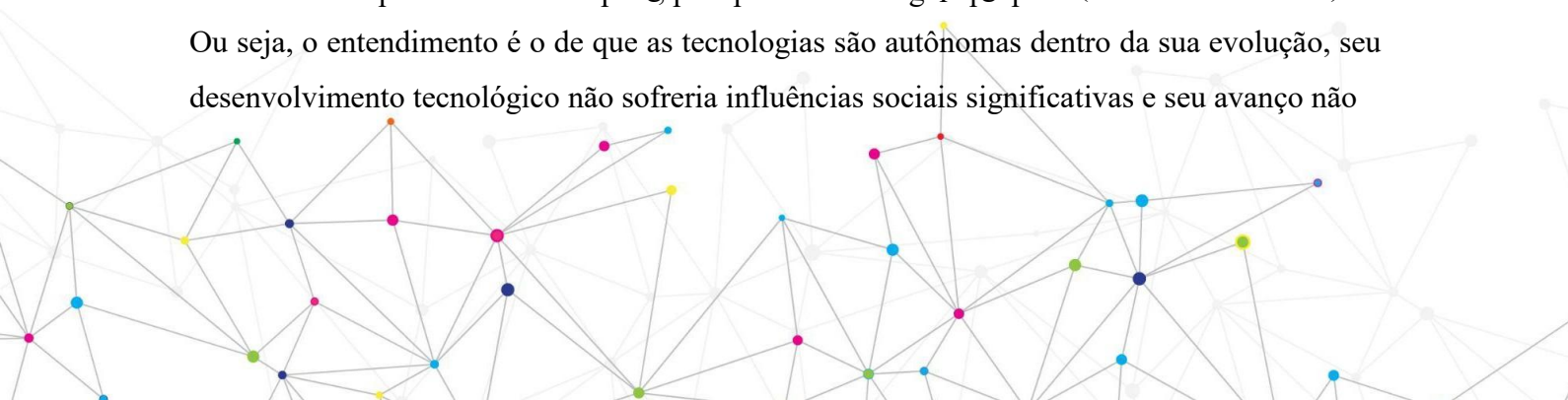
não existem interesses, criando uma neutralidade intrínseca.

Essa visão de desenvolvimento tecnológico instrumentalista moldou a sociedade ocidental e, ao longo do século XIX, segundo Feenberg (2010, p.56), "tornou-se comum ver a modernidade como um progresso interminável para o cumprimento das necessidades humanas por meio do avanço tecnológico. " O senso comum acreditava na ciência que iria dar conta de

explorar e desvelar o mundo e resolver todos os problemas. Porém ao chegar no século XX, os problemas ambientais, as guerras e toda a desigualdade social colocaram em dúvida esse progresso interminável, cuja promessa inicial seria a de que somente traria benefícios à coletividade.

Na intersecção do eixo (A) com o quadrante (1) tem-se a perspectiva do determinismo, a qual compactua com o instrumentalismo o conceito de que as tecnologias se determinam como meio instrumental neutro. Porém, diferentemente da perspectiva instrumentalista, acredita que a tecnologia não é controlada pelo homem, pelo contrário, ela controla os humanos e molda a sociedade às exigências de eficiência e progresso. (FEENBERG, 2010).

Ou seja, o entendimento é o de que as tecnologias são autônomas dentro da sua evolução, seu desenvolvimento tecnológico não sofreria influências sociais significativas e seu avanço não



Nesse sentido, é a tecnologia que dita o caminho do progresso sociocultural no mundo moderno, por ser uma força que molda e empurra inexoravelmente a sociedade mediante exigências de eficiência e progresso que ela própria estabelece. Por essa razão, de acordo com Feenberg (2010, p.59), “tecnologias como o automóvel estendem nossos pés, enquanto os computadores estendem nossa inteligência [...] nós é que devemos nos adaptar à tecnologia, como expressão mais significativa de nossa humanidade”.

Aos homens basta receber os avanços das tecnologias e dela usufruírem da melhor forma possível.

As perspectivas de tecnologias do **racionalismo e do instrumentalismo** são a base do processo da industrialização da sociedade moderna, pois “as características gerais da racionalidade social - controle, cálculo e eficiência - são reafirmadas, ou mesmo absolutizadas, uma vez que essas teorias compartilham a suposição básica de que a tecnologia tem sua própria lógica autônoma de desenvolvimento” (ARAÚJO FILHO, 2016, p, 48). Ou as tecnologias por si só geram o desenvolvimento tecnológico e moldam a sociedade ou os homens tomam para si esse desenvolvimento, porém **em ambas as noções não se percebem ou não se focalizam os valores subjacentes a esses processos.**

A ideia que subjaz à concepção determinista é a de que a eficiência norteia o desenvolvimento tecnológico em uma direção única, porém **a perspectiva de eficiência não é neutra, ela possui um valor formal de quem a define e estipula a sua referência, eficiente em relação a qual meta/objetivo deve seguir.** Feenberg (2010) cita o exemplo do aperfeiçoamento do avião, levando em consideração as variáveis dimensão e velocidade. Não há tecnologia na decisão que norteia essa definição, mas sim algo que é da ordem do político e econômico. Para esse autor, segundo as leis da física, quanto maior a velocidade do avião, maior é a resistência do ar e consequentemente maior será o consumo de combustível. Considerando o consumo e o preço do combustível, adequa-se que não vale a pena ir rápido. Outra variável é a dimensão, o que é mais eficiente, é ter 400 pessoas dentro de um avião indo a uma determinada velocidade ou levar 120 pessoas no avião indo duas vezes mais rápido.



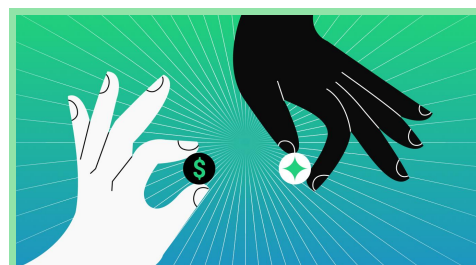
Como se observa, as variáveis que determinaram os rumos do aperfeiçoamento tecnológico do avião foram baseadas por pessoas que optaram pela dimensão a qual se conhece na atualidade e nas velocidades que os aviões comerciais oferecem à sociedade, cujas decisões alicerçadas na eficiência são carregadas de valores e longe de serem decisões neutras. Como pode ser observado, a tese da neutralidade não se sustenta, pois há a atribuição de valor à tecnologia, sendo esse valor formal, como segue.

Feenberg (2010) chama a atenção para a distinção entre a atribuição de um valor formal à tecnologia e a atribuição de um valor substantivo.

A tese da neutralidade atribui um valor à tecnologia, mas é um valor meramente formal: a eficiência, a qual pode servir a diferentes concepções de uma vida boa. Um valor substantivo, pelo contrário, envolve um compromisso com uma concepção específica de uma vida boa. Se a tecnologia incorpora um valor substantivo, não é meramente instrumental e não pode ser usado para diferentes propósitos de indivíduos ou sociedades com ideias diferentes do bem. O uso da tecnologia para esse ou aquele propósito seria uma escolha de valor específica em si mesma e não apenas uma forma mais eficiente de compreender um valor preexistente de algum tipo. (FEENBERG, 2010, p.59-60, grifo nosso).

Na compreensão do autor, a atribuição de um valor meramente formal ao desenvolvimento da tecnologia, por exemplo, a eficiência nas concepções deterministas, se referem a diferentes possibilidades de aperfeiçoamento de eficiência dependendo do contexto social e intenções dos sujeitos envolvidos. Diferentemente é a atribuição de um valor substantivo ao desenvolvimento da tecnologia, pois isso envolve um compromisso com uma concepção específica, ou seja, uma ideologia que norteia um horizonte de desenvolvimento das tecnologias e uma noção específica de progresso.

Como forma de exemplificar a distinção entre um valor formal e substantivo, Feenberg (2010) traz a diferença entre a religião e o dinheiro. As religiões possuem suas decisões baseadas em valores substantivos, decisões que espelham um estilo de vida preferido e desaprovam formas de vida que não sigam aquelas definidas a priori. Para o autor, enquanto isso, o dinheiro possui uma base formal de ação social, tanto que é usado para adquirir produtos variados e, principalmente, integra-se a qualquer contexto social, sem preconceitos. É como se o dinheiro não carregasse em si nenhum valor substantivo e pudesse servir a qualquer sistema de valor.



Essa é uma das questões que a perspectiva **substantivista**, eixo (A) e quadrante (3), salienta ao questionar se a tecnologia se parece mais com a religião ou com o dinheiro. Para os teóricos do substantivismo, a tecnologia relaciona-se mais à religião, ou seja, compreendem o desenvolvimento tecnológico atrelado a um sistema de valores substantivos que moldam e determinam estilos de vida específicos. Compreende-se que:

O compromisso da tecnociência [tecnologia] com o regime de acumulação capitalista dominante (que embora pareça natural e único, é ideologicamente sustentado), faria com que os valores a ele inerentes fossem a ela incorporados. A tecnociência [tecnologia] seria, então, substantiva e, intrinsecamente, capitalista. (DAGNINO, 2014, p.105).

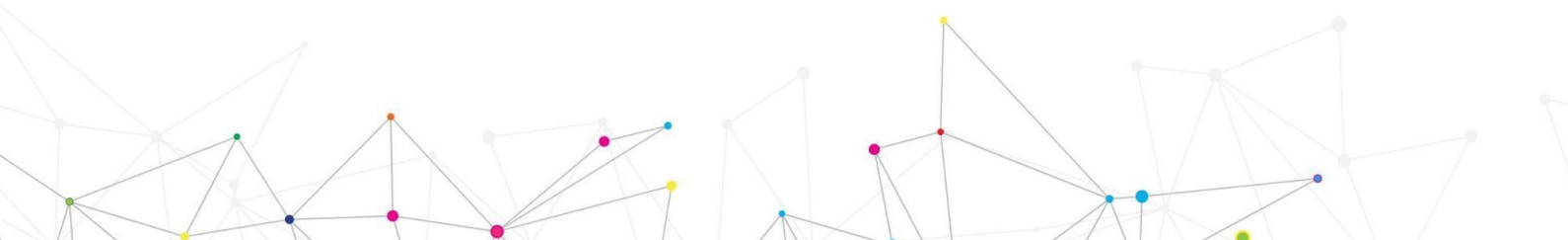
Nessa acepção, esses estilos de vida na contemporaneidade assumem os valores da sociedade do mercado e do consumismo, sendo que essa noção é incorporada na cultura em todos os artefatos tecnológicos gerados e disseminados.

Nessa perspectiva, compreende-se que a própria tecnologia estabelece livremente o seu progresso por parecer autônomo. Porém, como atualmente se assume sistemas de valores que a tecnologia carrega em si, esses sistemas são percebidos como mecanismos que exercem formas de autoridade sobre os seres humanos, ou seja:

As tecnologias encontram-se intensamente conexas aos valores humanos sociais, originando-se por modos de pensar característicos. **O ser humano é rejeitado dos processos de resolução dos dilemas sociais e do progresso tecnológico em si**, pois a razão tecnológica tem seu próprio sistema de regras (sintaxe), independentemente do ser humano e de seus contextos. Nesse sentido, o ser humano não dispõe das possibilidades de autoridade sobre as tecnologias e suas disseminações. No substancialismo, as tecnologias gerenciam o ser humano mediante sua atuação programada e desdobramentos sobre o mundo globalizado. (HABOWSKI; CONTE, 2018, p. 4-5 grifo nosso).

Os teóricos do substantivismo rompem com a neutralidade do instrumentalismo e passam a evidenciar os sistemas de valores intrínsecos ao desenvolvimento da tecnologia e, também, salientam o distanciamento do ser humano na tomada de decisão sobre a disseminação e rumos do progresso tecnológico e suas implicações e interferências na cultura e na sociedade.

Já a perspectiva substantivista, por sua vez, “é radical e argumenta que não resta à humanidade outra solução que não seja esperar por uma intervenção sobrenatural ou abandonar a tecnologia e retornar a um modo de organização mais simples.” (FEENBERG, 1991 apud GREIN; AMARAL, 2015 p.82). Essa concepção realiza uma crítica à noção otimista e neutra e chama a atenção aos rumos catastróficos que a sociedade moderna estaria à



mercê por incorporar os valores dos modos de produção capitalista e da sociedade de mercado no desenvolvimento tecnológico.

Por sua vez, no eixo (B) quadrante (4), tem-se a **teoria crítica** que foi elaborada e proposta por Feenberg. Essa intersecção compartilha do instrumentalismo em termos de a tecnologia ser de alguma forma controlável e concorda com o substantivismo em termos de a tecnologia estar carregada de valores. Essa intersecção “parece ser uma posição paradoxal, visto que precisamente o que não pode ser controlado na visão substantivista é o fato de que os valores estão incorporados na tecnologia.” (FEENBERG, 2010, p.62.). Porém, justamente nesse aspecto que a teoria crítica abre um norte de possibilidades:

A teoria crítica da tecnologia sustenta que os seres humanos não precisam esperar um Deus para mudar a sua sociedade tecnológica em um lugar melhor para viver. A teoria crítica reconhece as consequências catastróficas do desenvolvimento tecnológico ressaltadas pelo substantivismo, mas ainda vê uma promessa de maior liberdade na tecnologia. O problema não está na tecnologia como tal, senão no nosso fracasso até agora em **inventar instituições apropriadas para exercer o controle humano da tecnologia**. Poderíamos adequar a tecnologia, todavia, submetendo-a a um processo mais democrático no design e no desenvolvimento. (FEENBERG, 2010, p.61. Grifo nosso).

Na visão de Feenberg, compreender o desenvolvimento tecnológico como passível de ser controlado pelos homens é uma possibilidade de projetar seus rumos a partir de uma construção social. Defende a possibilidade de escolhas submetendo as tecnologias a controles mais democráticos, possibilitando a mobilização da sociedade em defender qual tecnologia ela deseja dentro das consequências que invariavelmente irão acontecer.

Nesse viés, se faz necessário que se tenha a capacidade de estabelecer regimes sociais de regulação para democratizar e fortalecer atuações de proibir, transformar, superar e revolucionar tecnologias nocivas, porém lucrativas. Conforme prevê Neder (2010), “por que usar agrotóxico, se há outra tecnologia melhor? Se a resposta é o preço mais baixo ou a rentabilidade assegurada pelo modelo econômico, então certamente há bloqueios não-tecnológicos à mudança do agrotóxico para a adubação verde sem química, de base agroecológica.” (NEDER, 2010, p.15). Por essa razão, é fundamental que a sociedade compreenda os valores que estão atrelados ao desenvolvimento e à disseminação de tais tecnologias como forma de recriar possibilidades e trilhar caminhos menos nocivos à coletividade.



Conforme as considerações de Feenberg, as diferentes concepções sobre a tecnologia podem ser compreendidas como sendo neutras ou carregadas de valores e, controlada pelos homens ou autônomas. Dessas diversas concepções, a Teoria Crítica da Tecnologia de Andrew Feenberg chama a atenção para a não neutralidade do progresso científico e tecnológico, o que reafirma a perspectiva de indissociabilidade entre o desenvolvimento de novas tecnologias e as suas implicações e reflexos na sociedade, tanto na natureza como nas relações psicossociais. É possível, a partir da sua proposta da Teoria Crítica, discutir e problematizar com os estudantes adolescentes que se dêem conta dos valores substantivos capitalistas intrínsecos ao projeto de desenvolvimento da tecnologia que está em curso, tornando as discussões sobre os rumos da sociedade mais democráticos.

Considerar essas questões no currículo da EPT e no Ensino Médio Integrado é um desafio. Consta nos documentos norteadores a perspectiva de propor um ensino que dê conta de levar os estudantes a desenvolverem uma **compreensão crítica e reflexiva sobre o funcionamento de sua realidade**, atuando de forma ética na transformação dessa realidade. Acreditamos que problematizar as concepções sobre as tecnologias, buscando desvelar o conjunto de valores intrínsecos às tecnologias digitais possa contribuir para que os estudante se apropriem da sua realidade imediata e passem a crítica, não sendo meros consumidores passivos e acríticos das redes sociais como meros produtos.



Sugerimos para um aprofundamento na teoria crítica de Andrew Feenberg o ebook A Teoria Crítica de Andrew Feenberg: Racionalização Democrática poder e Tecnologia, disponível gratuitamente no site do autor.

[Andrew Feenberg's Website - Racionalização Democrática poder e Tecnologia](#)



Outras sugestões de textos e vídeos que auxiliam a compreender o universo sobre as tecnologias digitais e o modelo capitalista, para leitura e reflexão:

1	<u>Não culpe as redes sociais, culpe o capitalismo.</u>
2	<u>O futuro do Google é também seu passado: colonialismo digital e capitalismo de vigilância</u> - Instituto Humanitas Unisinos.
3	<u>Socializando os monopólios tecnológicos.</u>
4	 'Geração digital': por que, pela 1ª vez, filhos têm QI inferior ao dos pais Ouça 17 mi...
5	 TV PUC-Rio: Plataformas precisam ser mais transparentes com usuários sobre algo...
6	 UNIDADE DIDÁTICA - PRODUTO EDUCACIONAL.pdf

3. FORMAÇÃO INTEGRAL: Por que o trabalhador precisa ter?

Apresentados os autores que discutem as tecnologias digitais em uma perspectiva

Profissional e Tecnológica (EPT) e que dão sentido a uma formação integral de ensino que tenha uma perspectiva emancipadora dos sujeitos estudantes.

Iniciamos buscando a compreensão sobre o conceito trabalho, o qual deve ser assumido como princípio educativo em uma perspectiva ontológica e histórica. Ou seja, ao tratar no sentido ontológico, entende-se o trabalho como a “ transformação da natureza, como realização inerente ao ser humano e como mediação no processo de produção de sua existência [...] assim, o ponto de partida para a produção de conhecimentos e de cultura pelos grupos sociais” (BRASIL, Par. 5, 2011). Nesse mesmo sentido, Saviani (2007) complementa: “[...] o ato de agir sobre a natureza transformando-a em função das necessidades humanas é o que conhecemos com o nome " trabalho ". (SAVIANI, 2007, p. 154). Esse sentido ontológico do trabalho é o que diferencia o homem das demais espécies, uma vez que os seres humanos são os únicos capazes de ter consciência de uma necessidade e ao humanizar a natureza aprende a transformá-la e a significá-la.

Ao sentido ontológico do trabalho, alia-se o sentido histórico do trabalho como a prática econômica de cada época associada ao respectivo modo de produção vigente. Conforme compreensão de Frigotto (2012), o trabalho assume a forma “[...] servil, a escrava e a assalariada, sendo que nesta última é comum se confundir trabalho com emprego ou se apagar as questões inerentes à venda da força de trabalho pelo trabalhador [...] (FRIGOTTO, 2012, p.59). Nesse sentido, a interferência do homem junto à natureza em uma perspectiva histórica resultou no surgimento das cidades e da estruturação de modos de produção sistematizados e cada vez mais complexos, resultando, assim, em uma organização social formada por classes sociais, gerando uma estratificação desigual na distribuição do capital produzido ao longo da perpetuação da coletividade.



O trabalho como princípio educativo engloba as dimensões da ciência, da cultura e da tecnologia. Sendo que o processo histórico e ontológico de transformar a natureza a fim de satisfazer necessidades humanas acaba por gerar conhecimentos que vão sendo aperfeiçoados e transmitidos à medida que contribuem e facilitam a existência, esses conhecimentos sistematizados socialmente e organizados historicamente acabam por constituir a **ciência**.

Nesse sentido, está posto no Parecer n.º 5 que a **ciência** “como conjunto de conhecimentos sistematizados, produzidos socialmente ao longo da história, na busca da compreensão e transformação da natureza e da sociedade [...] dos fenômenos naturais e sociais.” (BRASIL, Par, n.º 5, 2011). Entende-se a ciência como sendo um conjunto de conhecimentos que ampliam as capacidades humanas, na medida em que são aplicadas na força produtiva, sintetizam a compreensão de tecnologia. No mesmo documento, a **tecnologia** é conceituada como “transformação da ciência em força produtiva ou mediação do conhecimento científico e a produção, marcada desde sua origem pelas relações sociais que a levaram a ser produzida”. [...] o que nos leva a perceber que a tecnologia é uma extensão das capacidades humanas. (BRASIL, Res. 5, 2011). Conforme vão sendo aperfeiçoadas as formas como o homem transforma a natureza, a relação entre eles vai se tornando cada vez mais complexa e mediada por artefatos tecnológicos.



Ao longo da história, percebe-se que independentemente do local geográfico, das condições climáticas, das adversidades impostas aos homens, sempre houve um esforço coletivo na busca de conservação da vida e para instituir meios de produção. Esse processo mais amplo de organização societária é o próprio conceito de **cultura**, sendo “a produção de expressões materiais, símbolos, representações e significados que correspondem a valores éticos e estéticos que orientam as normas de conduta de uma sociedade”. (BRASIL, Res. n.º

5, 2011). A cultura, portanto, diz respeito ao modo de vida a qual uma determinada população se organiza coletivamente e busca preservar a própria vida.

Sugerimos o vídeo de Acácia Kuenzer: o Trabalho como princípio educativo para uma maior compreensão [Acácia Kuenzer: O trabalho como princípio educativo](#). E ainda o vídeo [Educação e Trabalho: A importância da EPT](#).

Frigotto aborda sobre a concepção da EPT.

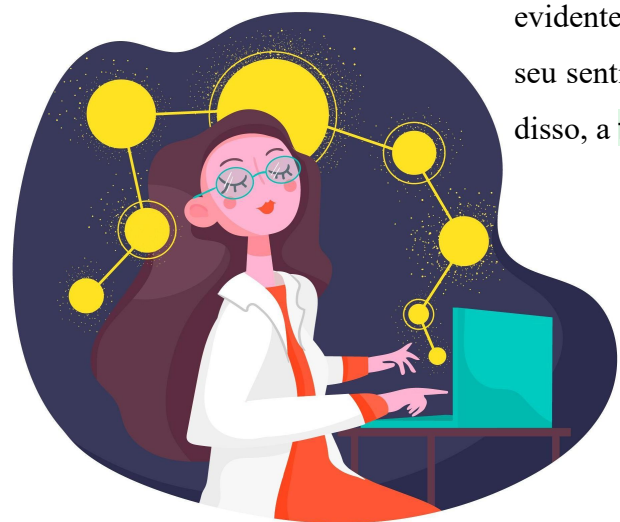
Conceituadas a ciência, a tecnologia e a cultura ficam evidentes a sua unicidade a partir da compreensão do trabalho em seu sentido ontológico e histórico, como princípio educativo. Diante disso, a formação integral,

não somente possibilita o acesso a conhecimentos científicos, mas também promove a reflexão crítica sobre os padrões culturais que se constituem normas de conduta de um grupo social, assim como a apropriação de referências e tendências que se manifestam em tempos e espaços históricos, os quais expressam concepções, problemas, crises e potenciais de uma sociedade, que se vê traduzida e/ou questionada nas suas manifestações. (BRASIL, Res. n.º 5, 2011).

Evidenciando-se o trabalho como a capacidade humana de produzir a própria existência, as dimensões da formação integral científicos-tecnológico-cultural precisam ser inseridas no contexto escolar e postos em diálogo constante compreendendo que tais dimensões não se produzem sozinhas na sociedade, e que determinam campos de disputa histórico-culturais.

Com base nos conceitos apresentados, oficializa-se uma educação profissional de formação integral na perspectiva da politecnia e da omnilateralidade. Saviani (2003, p.136), com base nas obras marxianas, aponta que “A noção da politecnia se encaminha na direção da superação da dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual, entre instrução profissional e instrução geral”. Assim, se faz necessário fomentar um ensino que busque superar a dualidade estrutural historicamente instituída que, ao invés de ter o foco no mercado de trabalho, tenha como concepção uma formação integral, com foco nos sujeitos:

[...] implica garantir o direito de acesso aos conhecimentos socialmente construídos, tomados em sua historicidade, sobre uma base unitária que sintetize humanismo e tecnologia. A ampliação de suas finalidades – dentre as quais se incluem a preparação para o exercício de profissões técnicas, a iniciação científica, a ampliação cultural, o aprofundamento de estudos – é uma utopia a ser construída coletivamente (RAMOS, 2010, p. 48).



Nessa utopia a ser construída há a defesa de uma formação que seja democrática, assumindo uma postura em relação ao saber, ao fazer, ao ensinar e aprender priorizando uma formação efetivamente integral. Dentre os embates de disputas sobre a concepção do ensino destinado para a educação profissional tecnológica ocorreu a promulgação do decreto 5.154 em 23 de julho de 2004 que visou à integração entre educação básica e o ensino profissional. Esse documento reforça que se trata de:

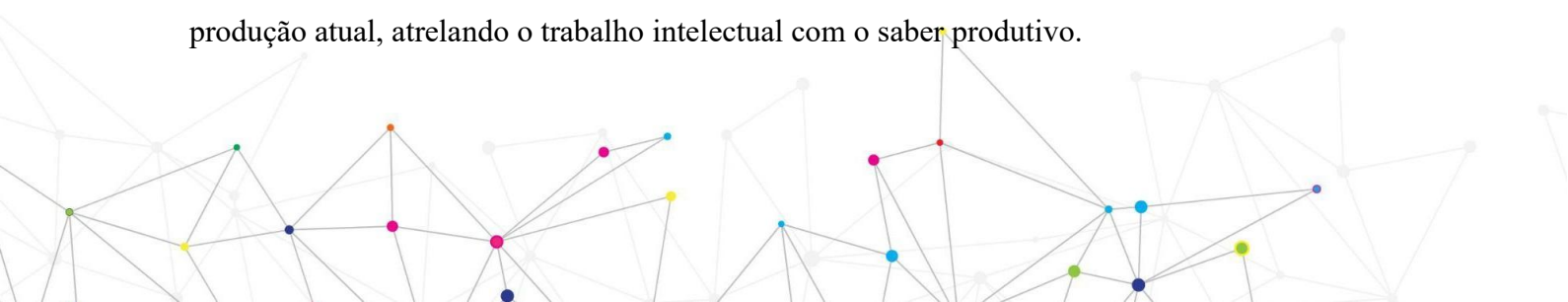
Superar a redução da preparação para o trabalho ao seu aspecto operacional, simplificado, escoimado dos conhecimentos que estão na sua gênese científico tecnológica e na sua apropriação histórico-social. Como formação humana, o que se busca é garantir ao adolescente, ao jovem e ao adulto trabalhador o direito a uma formação completa para a leitura do mundo e para a atuação como cidadão pertencente a um país, integrado dignamente à sua sociedade política. (CIAVATTA, 2005, p. 2).

Com isso, busca-se desenvolver uma educação integrada que tenha como propósito a indissociabilidade entre a educação geral com a educação profissional. Nessa perspectiva, o que se almeja é uma educação que seja “omnilateral, no sentido de formar o ser humano na sua integralidade física, mental, cultural, política, científico-tecnológica. ” (CIAVATTA, 2005, p. 3). Esse projeto de educação só pode ser alcançado pelo domínio dos fundamentos científicos das diferentes técnicas que caracterizam o processo de trabalho produtivo moderno.” (SAVIANI, 2003, p. 140). Isso significa efetivamente que os estudantes trabalhadores tenham um ensino que tenha como foco a inter-relação entre as atividades intelectuais e a prática do trabalho, incluindo uma dimensão intelectual ao trabalho produtivo, demarcando uma visão libertária e emancipadora dos estudantes, no sentido de romper a sociedade de classes.

A autora Ciavatta (2009, p.1) afirma que o conceito da politécnica “remete à relação entre o trabalho e a educação, no qual se afirma o caráter formativo do trabalho e da educação como ação humanizadora por meio do desenvolvimento de todas as potencialidades do ser humano.” (CIAVATTA, 2009, p.1). Nessa compreensão, é na mediação da ação educativa do trabalho que os sujeitos se tornam aptos para atuarem no processo produtivo e, também, constituindo-se protagonista das transformações nas dimensões social, política e cultural.

Uma formação integral na perspectiva politécnica almeja fornecer um ensino que visa

 produzir a própria vida e compreender os aspectos intrínsecos do modo de
 produção atual, atrelando o trabalho intelectual com o saber produtivo.



Ainda em relação à concepção da politécnica, o autor Pinto (2005) complementa:

A técnica não deixará de ser sempre específica em seu exercício, mas em vez de estreitar cada vez mais a percepção do conjunto da realidade pelo homem, conforme atualmente acontece, determinará a descoberta dos conceitos lógicos gerais e dos valores universais configuradores do ato técnico particular, definindo-o como tal. Deste modo, a prática aparentemente mais grosseira ou confinante conduz, pela apreensão do seu significado teórico ou epistemológico, à aquisição do universal, representado pelo igual valor existencial do trabalho de cada homem. Será então o momento em que o técnico não se identificará mais com a técnica particular de sua profissão, até agora causa de limitação existencial, mas terá negado a identificação restritiva para alcançar a identificação universal com a técnica, ou seja, com a totalidade da capacidade de atuação primária livre. Galgando a compreensão unitária da técnica, na plena universalidade, em função de novas condições sociais em que a exercer, passará a dominar a que executa e todas as demais, sabendo o que significa, quanto vale e quais as finalidades dela, em vez de ser, como agora, dominado por ela, a ponto de receber do trabalho particular, profissional, sua qualificação social enquanto ser humano. O domínio teórico da técnica pelo homem liberta-o da servidão prática à técnica, que vem sendo, crescentemente, o modo atual de vida pelo qual é definido e reconhecido”. (PINTO, 2005, p.223).

O autor compreende que a assimilação por parte dos estudantes trabalhadores dos conceitos lógicos gerais intrínsecos a toda atividade técnica/manual e de seus valores universais, permitiria atribuir significado a sua prática, compreender seu valor, suas finalidades e com isso adquirir um domínio teórico de sua prática, libertando os homens de atividades laborais alienantes.

Por sua vez, a omnilateralidade refere-se à humanização dos sujeitos, um caráter totalizante, preocupado com o desenvolvimento dos sujeitos enquanto ser “não-alienado e dotado de uma formação verdadeiramente humana, omnilateral” (SOUSA, 1999, p. 100). Em relação ao conceito de formação omnilateral, Saviani (2003), acentua que

[...] atualmente parece que estamos atingindo o limiar desse mesmo processo quando o próprio desenvolvimento da base produtiva coloca a necessidade de universalização de uma escola unitária que desenvolva ao máximo as potencialidades dos indivíduos (formação omnilateral), conduzindo-os ao desabrochar pleno de suas faculdades intelectuais-espirituais. O processo de produção se automatiza; em outras palavras, se torna autônomo, autorregulável, liberando o homem para a esfera do não-trabalho. Generaliza-se, assim, o direito ao lazer, ao tempo livre, atingindo-se o “reino da liberdade” (SAVIANI, 2003, p. 148).

Para tanto, se faz necessário analisar e refletir a partir da realidade concreta as contradições presentes na proposta de organização societária e dos modos de produção instituídos que geram situações desumanizantes que os sujeitos são submetidos em seus trabalhos e vida.



4. ENSINO MÉDIO INTEGRADO À EPT: Por que discutir relações psicossociais?

A partir do decreto n.º 5.154 de 23 de julho de 2004 que visou à integração entre educação básica e o ensino profissional, em conjunto com o parecer n.º 5 de maio de 2011 e parecer n.º 11 de maio de 2012, abre-se a possibilidade de oferta de um ensino médio integrado de formação integral na perspectiva da politecnia e da omnilateralidade.

A proposta do ensino médio integrado ofertado pelos institutos federais busca romper com essa dualidade histórica que separa trabalho manual e intelectual e segmenta os sujeitos trabalhadores, ofertando uma educação que esteja comprometida com a classe trabalhadora e avance no sentido de uma sociedade mais igualitária que compreenda a educação como um direito de todos.



Para Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005, p.45), o ensino médio integrado é estratégico para incluir os conhecimentos científicos e objetivos da formação profissional:

A integração do Ensino Médio como ensino técnico é uma necessidade conjuntural – social e histórica – para que a educação tecnológica se efetive para os filhos dos trabalhadores. A possibilidade de integrar formação geral e formação técnica no Ensino Médio, visando à uma formação integral do ser humano é, por essas determinações concretas, condição necessária para a travessia em direção ao Ensino Médio politécnico e à superação da dualidade educacional pela superação da dualidade de classes.

O ensino médio é percebido pelos autores como uma alternativa de proposta de integração de ciência, cultura, tecnologia e humanismo com o objetivo de formar os

estudantes trabalhadores em todas as suas potencialidades, permitindo o direito a uma educação completa que lhes permita uma intervenção no mundo como sujeito integrado à sociedade. Isso possibilita aos estudantes atribuir significados ao processo de aprendizagem, compreendendo a produção de conhecimento em seu sentido mais amplo e real. Com isso, dominar os fundamentos científicos da tecnologia que caracterizam o processo de trabalho produtivo, articulando o pensar e o realizar.

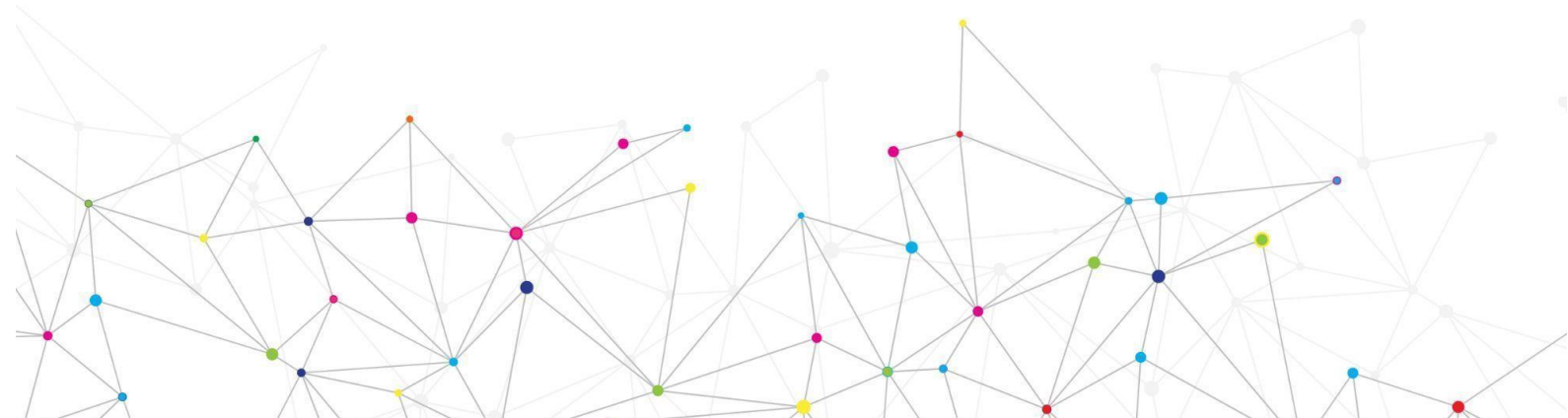
Na defesa do currículo integrado, o Documento Base da Educação profissional Técnica de Nível Médio integrado ao Ensino Médio (2007) prevê:



A integração de conhecimentos no currículo depende de uma postura epistemológica, cada qual de seu lugar, mas construindo permanentemente relações com o outro. O professor de Química, de Matemática, de História, de Língua Portuguesa, etc pode tentar pensar em sua atuação não somente como professores da formação geral, mas também da formação profissional, desde que se conceba o processo de produção das respectivas áreas profissionais na perspectiva da totalidade (BRASIL, DBEPT, 2007, p.53).

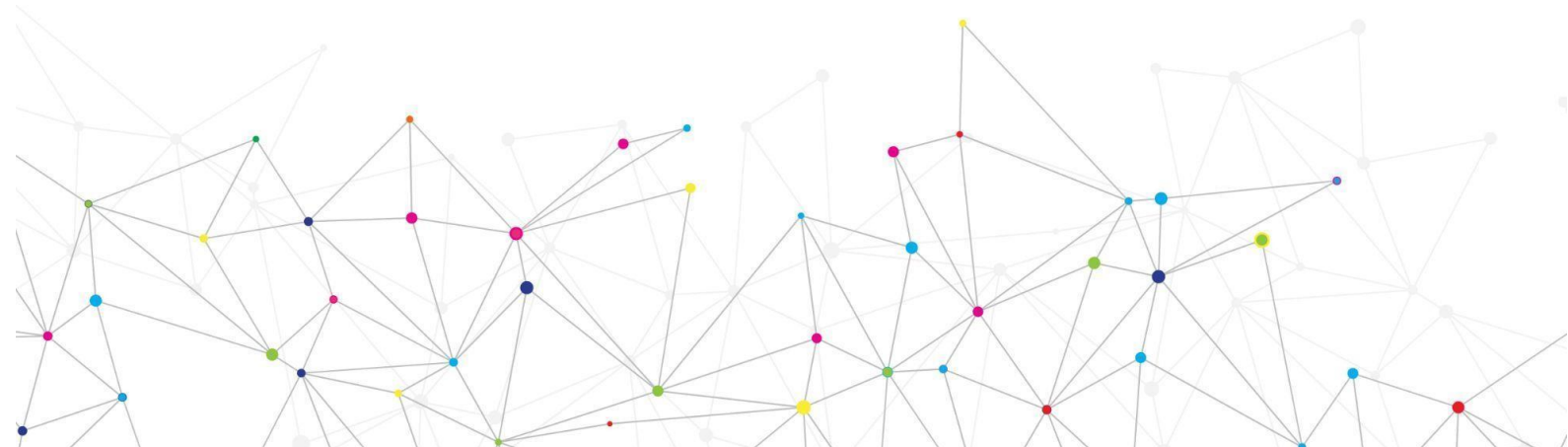
Essa integração se faz necessária como alternativa para uma formação dos estudantes trabalhadores que lhes permita enxergar e perceber o mundo em sua totalidade e estarem preparados para agir no mundo à sua volta de maneira crítica e reflexiva. Ou seja, demarca uma concepção de mundo e de educação comprometido com um projeto de sociedade a qual se pretende alcançar.

Essa perspectiva de formação humana integral aplicada ao ensino médio integrado, e em outras modalidades de ensino, permite aos docentes problematizar com os estudantes trabalhadores as implicações psicossociais geradas nas relações educacionais, familiares e sociais devido ao uso intensivo que fazem das tecnologias digitais. Deve-se buscar promover uma reflexão crítica sobre os usos que os estudantes realizam das tecnologias digitais, como compreender a necessidade de performar a vida íntima nas redes sociais ou o grau de conectividade e visibilidade, buscando desvelar como se constituem essas normas de conduta sugeridas e assimiladas de forma acrítica pelos estudantes adolescentes atualmente.



Sobre esses aspectos, a partir da compreensão da teoria crítica, passamos a problematizar esses usos e costumes que implicam e afetam as relações familiares e educacionais e a saúde mental dos usuários, isso porque dentro da cultura, o uso das tecnologias digitais sendo um fenômeno atual, deve-se buscar compreender tais contradições, problematizando o uso indiscriminado e ilimitado que se faz dessas tecnologias e as implicações para as relações psicossociais dos estudantes.

Dessa forma, esperamos que os estudantes possam compreender a sua realidade de forma mais clara e avaliar dentro das suas possibilidades, realizar as mudanças necessárias, desde uma tomada de consciência em relação ao seu modo de vida sobre os usos que realizam das tecnologias, bem como engajar-se em transformações mais amplas que envolvem a mobilização da sociedade em defender qual tecnologia ela deseja dentro das consequências que invariavelmente irão acontecer. Nesse viés, se faz necessário que se tenha a capacidade de estabelecer regimes sociais de regulação para democratizar e fortalecer atuações de proibir, transformar, superar e revolucionar tecnologias nocivas, porém lucrativas.



PARA FINALIZAR...

Esta cartilha buscou apresentar os principais conceitos da EPT que norteiam as relações pedagógicas no Ensino médio integrado, almejando a oferta de ensino na perspectiva da formação integral dos sujeitos estudantes. E, ainda, foram apresentados os conceitos e reflexões dos autores Paula Sibilia e Andrew Feenberg como uma forma de contribuir para uma compreensão crítica das tecnologias digitais.

Compreender as tecnologias digitais como artefatos culturais na contemporaneidade e a indissociabilidade presente nas implicações econômicas, ambientais, sociais e políticas sobre o seu uso pode ser um caminho de discussão que os docentes podem seguir com os estudantes em uma perspectiva de formação integral. Considerando que as inovações tecnológicas apresentadas à sociedade e que adentram aos lares, nas escolas e ao trabalho, fazem surgir questionamentos de ordem ética, moral, econômica, política, cultural que precisam ser compreendidos de forma crítica e reflexiva para se ter clareza se esses supostos artefatos tecnológicos trazem com eles embutido um bem estar social ou camufla desigualdades e acentuação dos problemas sociais.

Sibilia (2018) chama a atenção para os modos de ser e de viver que estão implícitos nos artefatos tecnológicos, sinalizando que não são neutras, mas sim históricas, carregam valores, crenças, os quais supõem, propõem e estimulam formas de se relacionar consigo, com o outro e com o mundo. Essa perspectiva de compreensão de Sibilia vai ao encontro da visão de Feenberg (2010) sobre a tecnologia, o qual as compreende como artefatos carregados de valores que são atribuídos pelos homens que a desenvolvem e, justamente por isso, são passíveis de serem controladas. Atualmente, observa-se que os desenvolvimentos dos artefatos tecnológicos são aperfeiçoados e elaborados por um grupo específico e seleto de sujeitos, trabalhadores a serviço das grandes indústrias e corporações, sendo necessário que tais decisões possam vir a ser tomadas pelo coletivo da sociedade, uma vez que os impactos sociais e ambientais causados pelo desenvolvimento tecnológico adotado atualmente, são compartilhados por todos.

Nessa compreensão, observa-se a necessidade dos profissionais da educação trazerem para a sala de aula as discussões sobre as tecnologias digitais, buscando desvelar de forma crítica e reflexiva os valores intrínsecos que perpassam esses artefatos tecnológicos que modulam nossa forma de ser e existir e implicam nas relações psicossociais e assim buscar formas de criar possibilidades de intervenções e caminhos menos nocivos à coletividade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO FILHO, Paulo Verissimo de. **Hackear a tecnologia**: um estudo sobre a teoria crítica da tecnologia de Andrew Feenberg. Orientador: Daniel Durante Pereira Alves. Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de pós-graduação em filosofia. Natal, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/23143?mode=full>. Acesso em: 5 de abr 2022.

BRASIL. **Decreto n.º 5.154, de 23 de julho de 2004**. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm. Acesso em: 10 fev. 2022.

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer n.º 11, de 9 de maio de 2012**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10804-pceb_011-12-pdf&category_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 23 jun. 2021.

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer n.º 5, de 4 de maio de 2011**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=8016-pceb0_05-11&category_slug=maio-2011-pdf&Itemid=30192. Acesso em 23 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Educação Profissional e Tecnológica: *Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio*. **Documento Base da Educação Profissional Técnica de Nível Médio integrado ao Ensino Médio**. Brasília, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf Acesso em: 26 agosto 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Documento de área-Ensino**. 2016. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/480/o/DOCUMENTO_DE_AREA_ENSINO_2016_final.pdf Acesso em: 10 fev. 2022.

CIAVATTA, Maria. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. **Revista Trabalho Necessário**. v. 3, n. 3, 6 dez. 2005. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/6122/5087>. Acesso: 15 jun. 2022.

CIAVATTA, Maria. Trabalho como princípio educativo. In: PEREIRA, I; LIMA, J. **Dicionário da Educação Profissional em Saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV/FIOCRUZ, p. 408-415, 2009. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/l43.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2022.

CIAVATTA, Maria. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (Orgs.). **Ensino Médio integrado**: concepções e contradições. São Paulo: Cortez, 2005.

DAGNINO, Renato. “Ciência e tecnologia para a cidadania” ou Adequação Sociotécnica com o Povo? *In: Tecnologia Social: contribuições conceituais e metodológicas* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, pp. 89-112. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/7hbd/pdf/dagnino-9788578793272-06.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2022.

FEENBERG, Andrew. O que é a filosofia da tecnologia? *In: Nader Ricardo T. (Org). A teoria crítica de Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia*. Brasília: **Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina** / CDS / UnB / Capes, 2010 (1. ed.). Disponível em: <https://www.sfu.ca/~andrewf/coletanea.pdf>. Acesso em: 15 maio de 2022.

FEENBERG, Andrew. **Youtube**, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2ofaot-XAsw>. Acesso em: 10 mai. 2022.

Frigotto, Gaudencio. Concepções e mudanças no mundo do trabalho e o ensino médio. *In* Frigotto, G., Ciavatta, & M.; Ramos, M. (Orgs.). **Ensino Médio Integrado: concepções e contradições**. (3a ed.). São Paulo: Cortez; 2012

GREIN, Pedro Paulo Boaventura; AMARAL, Marília Amaral. Teoria Crítica da Tecnologia e Design Participativo na construção de um repositório de Recursos Educacionais Abertos. **Tecnologias, Sociedade e Conhecimento**, Campinas, vol. 3, n. 1, dez. 2015. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tsc/article/view/14476> Acesso em: 20 out. 2021.

HABOWSKI, Adilson CRISTIANO; CONTE, Elaine. A teoria crítica da tecnologia em Andrew Feenberg. **Revista CIET:EnPED**, São Carlos, mai.2018. p.1-11. Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/131>. Acesso em: 1 jul. 2022.

NEDER, Ricardo T. (Org). **A teoria crítica de Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia**. Brasília: Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina / CDS / UnB / Capes, 2010 (1. ed.). Disponível em: <https://www.sfu.ca/~andrewf/coletanea.pdf>. Acesso em: 2 mai. 2022.

OLIVEIRA, Sandro. **Cursos superiores de tecnologia: concepções de tecnologia e perfis profissionais de conclusão**. Orientador: Geovana Mendonça Lunardi Mendes. 2011. 159 f. Dissertação [Mestrado em Educação] - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis. (SC). Disponível em: http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/151/sandro_de_oliveira.pdf. Acesso em: 3 jul de 2022.

RAMOS, Marise. **Concepção do Ensino Médio Integrado**, 2008. Disponível em: http://forumeja.org.br/go/sites/forumeja.org.br/go/files/concepcao_do_ensino_medio_integrado5.pdf. Acesso em: 22 Maio de 2022

SAVIANI, Demerval. A relação trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Rev Bras Educ.** 2007; V.12(34):152-180. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/wBnPGNkvstzMTLYkmXdrkWP/?lang=pt#:~:text=Ora%2C>

%20o%20ato%20de%20agir,precede%20a%20exist%C3%Aancia%20do%20homem.
Acesso: 12 mar. 2022.

SAVIANI, Demerval. O choque teórico da politecnia. *In: Trabalho, Educação e Saúde*, [S. l.], v. 1, n. 1. Rio de Janeiro: EPSJV/FIOCRUZ, 2003. Disponível em: <https://www.tes.epsjv.fiocruz.br/index.php/tes/article/view/1958>. Acesso em: 15 ago. 2022.

SIBILIA, Paula. **Redes ou Paredes**: a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SIBILIA, Paula. **O show do Eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016

SIBILIA, Paula; Entre Redes e Paredes (Palestra 139 min.) Colégio Santa Cruz. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PYmqQQ4iEgc>. Acesso: 22 Jun 2022.

SOUSA, Lucas. **O uso das tecnologias digitais nas práticas pedagógicas como competência para o mundo do trabalho**: um estudo no Instituto Federal De Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) - Campus Florianópolis-Continente. Orientadora: Salete Valer. 2022. 360f. Dissertação [Mestrado em Educação] - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, Florianópolis/SC. Disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11850407. Acesso em: agosto 2023.

PINTO, Álvaro Vieira Pinto. **O conceito de tecnologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

Autor 1

Antenor Sandi Junior

E- mail: Antenor.sj@aluno.ifsc.edu.br

Orcid iD - [https://orcid.org/0000-0002-2361-](https://orcid.org/0000-0002-2361-940X?lang=pt)

940X?lang=ptLattes: <http://lattes.cnpq.br/5884774233016211>

Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina (2012); Servidor público na Prefeitura Municipal de Faxinal dos Guedes/SC. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica;

Autora 2

Salete Valer

E - mail: salete.valer@ifsc.edu.br

Orcid iD - <https://orcid.org/0000-0002-9391-3807>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4817754537520905>

Doutorado em Linguística (Psicolinguística Aplicada), Universidade Federal de Santa Catarina; Mestre em Linguística Teórica pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), graduação em Letras Português e Literaturas Vernáculas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente efetiva no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (UFSC)-Brasil; Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica; Coordenação do Grupo de Pesquisa Língua(gem) e Comunicação IFSC.